

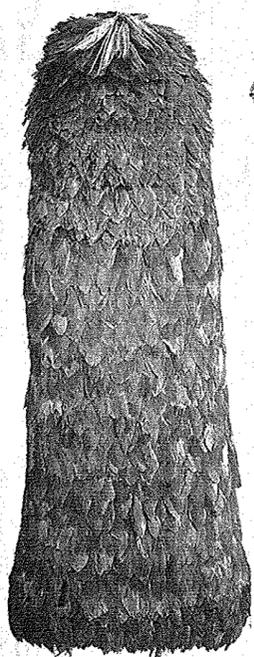
ELIO GASPARI

Redescobrimento é uma exposição inesquecível

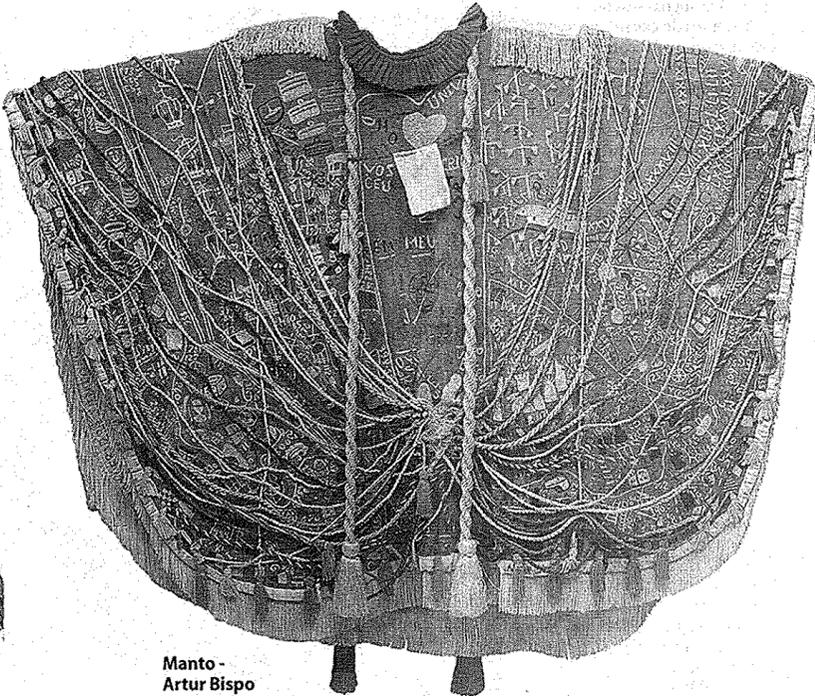
É com enorme satisfação que aqui se informa o seguinte: a exposição do Redescobrimento, que será aberta ao público em São Paulo na terça-feira, é uma maravilha. É motivo de orgulho para os artistas que a fizeram, para os trabalhadores que a montaram e para os empresários que a financiaram. Será motivo de orgulho também para quem for visitá-la.

Poderia ser louvada pelo tamanho, pois nada se fez de parecido no mundo. Com 60 mil metros quadrados, é maior que o Louvre. Se tamanho fosse documento, o mamute siberiano que receberá os visitantes da mostra arqueológica (custou US\$ 100 mil) seria a sua principal peça. Seu mérito está na excepcional qualidade das 13 exposições que abriga. Vai do homem que pintava cavernas há 15 mil anos, até o baiano Marepe, nascido em 1970, que montou um telhado sem casa embaixo. Antes de vir para São Paulo, a peça ficava no terreno de sua casa. Marepe conta que um dia achou gente morando dentro dessa toca de um novo tempo.

A exposição tenta ilustrar o que é o Brasil. E quem sabe o que é o Brasil? Ela não dará a resposta. Mostrará 15 mil peças para que cada cabeça dê sua sentença. Revela o passado arqueológico do brasileiro e a beleza da arte indígena. Graças à segurança do artista Emanuel Arajão, inclui duas exposições magníficas: "Arte Popular" e "Negro de Corpo e Alma". A médica Nise da Silveira, morta no ano passado,



Manto Tupinambá



Manto - Artur Bispo do Rosário



Palmatória



Descanso da Modelo Almeida Júnior

deve-se a exposição da arte dos loucos e ao talento de Daniela Thomas, sua apresentação racional, seca. Ela foi buscar a cor de uma parede na cela onde viveu um dos artistas.

Assim como Manuel Bandeira deu "adeus para nunca mais" ao seu beco da Lapa, todas essas exposições serão um momento de beleza que se acabará.

A paisagem de Itamaracá, de Franz Post (a primeira pintada na América), voltará

para a Holanda. A carta de Caminha, para Lisboa, e cada peça para sua casa. Como o beco de Bandeira, "neste mundo de aparências" ficará a lembrança, suspensa no ar.

Haverá quem fique com o retrato de d. Pedro 2º num clima florestal ou com o rococó da exposição do barroco e suas 200 mil flores de papel colorido (feitas pelos presos do Carandiru). Ou ainda a imagem de Nossa Senhora enfeitada com conchas, feita no século 17. Cada

um ficará com o seu pedaço desse beco.

Numa visão particular, a expressão da força artística do brasileiro fixou-se em dois mantos. Um, de um pajé tupinambá, feito de penas vermelhas e levado para a Holanda no início do século 17. O outro, tecido pelo maluco Antonio Bispo do Rosário, um expugilista, morto em 1989, aos 78 anos. Seria a mortalha com que iria para o céu, levando o nome dos amigos, tecidos no forro. Os mantos têm uma

coisa em comum: foram feitos por gente que nada teve a ver com aquilo que se gostaria que fosse o povo do Brasil. Um tipo de gente que também não teve a ver com o que se estava fazendo (e se faz) com Pindorama.

O Redescobrimento aproxima, mas não junta, as diversas culturas brasileiras. Ajuda a pensá-las.

A pensar, por exemplo, numa cena da tarde de quinta-feira, quando entrou no prédio da Bienal uma enorme

caixa de madeira. Ia numa empilhadeira, seguida de perto por uma senhora de preto que fiscalizava até a poeira. Ela era Barbara Berlowicz, conservadora do Museu Nacional da Dinamarca. Vinha de Copenhague, trazendo os quatro metros quadrados da mameluca que o holandês Albert Eckhout viu no Nordeste em 1641. Na empilhadeira, ia Zeferino da Silva, 42 anos, três filhos, feliz com o bico que arrumou. Está desempregado desde setembro.

ENTREVISTA

Urissapatabata Kuikuro

(38 anos, também conhecido como cacique Tabata, da tribo dos Kuikuro, do Alto Xingu.)

O que o senhor está fazendo? A gente vai armar aqui uma sepultura com as coisas da festa do



Muiraquitã - Baixo Amazonas

Quarup. (Na quarta-feira à tarde, Tabata e outros dois índios estavam na montagem do Redescobrimento, alinhando uma forma retangular com 95 pequenos tocos de 20 cm, entrelaçados por fibras de bambu. Em frente havia três troncos de pouco mais de um metro, alinhados e pintados. Na parte interna do quadrilátero, imagina-se que esteja sepultado um cacique ou alguém de sua família.)

O que o senhor quer mostrar? Uma parte da festa do Quarup. É uma festa que a gente faz um ano depois da morte de alguém da liderança. Pode ser o cacique ou alguém da família. Quando ele morre, o espírito vai para o

céu. Dizem que lá é melhor que aqui. Na festa, a gente corta cinco ou seis troncos de pita, que nós chamamos de Uedohi. É o cacique do mato. A gente pinta os troncos e enfeita com colares e penas.

Por que? Porque o espírito sai do céu e vem para o tronco. Enquanto a festa dura, a gente chora muito, lembrando do morto.

Por que os troncos têm essa altura? Podiam ser maiores.

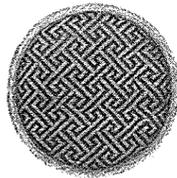
Não sei.

O senhor sabe a origem dessa festa?

Não. É nosso costume. Só fazemos para a liderança. Faz muito tempo que é assim.

Quando a festa acaba, o que vocês fazem com os troncos para onde vieram os espíritos?

A gente joga no rio, não tem mais importância. Quando a festa acaba, o espírito volta para o céu. O tronco vira um pedaço de pau.



Cesto Warekena

O que o senhor achou dessa exposição de coisas da cultura indígena?

Achei muito bom. É a primeira vez que eu faço os enfeites do Quarup fora da aldeia. Foi boa idéia mostrar o que fazemos. É muito bom que o branco conheça a cultura dos índios. É bom o branco entender e aprender. Ali ao lado tem dois parentes fazendo uma armadilha de pesca.

Mas eles não são Kuikuro, são Baniwa.

É. Eu os conheci hoje, mas são meus parentes.

O senhor acha que os brancos vão entender o que é a festa do Quarup?

Acho difícil.

Sugestão

O Redescobrimento não deve ser visitado num só dia. Será desperdício, quase sacrilégio. São 6 quilômetros só de exposições. É uma caminhada de três horas. Contando-se a distância entre os quatro prédios e uma folga para um sanduíche, vai mais um quilômetro. Isso equivale a uma vez e meia a avenida Atlântica.



Urna Antropomorfa - Pará

Quem vier a São Paulo com o propósito de visitar a exposição, deve reservar pelo menos dois dias. Três visitas, com direito a repetição, parecem ser uma boa conta, ainda que custe caro. A festa acaba no dia 7 de setembro. Até lá, quem estiver sem nada para fazer, terá à disposição um programa muito melhor do que muita coisa que se anda fazendo por aí.

"Dinheiro é fácil. Difícil é o resto"

Quem vê a pasta Louis Vuitton sobre a mesa do banqueiro Edemar Cid Ferreira pode achar que ele seja capaz de muitas coisas, menos de organizar uma exposição como a do Redescobrimento. Essa marca, que outrora pertenceu aos descendentes do malleiro de Napoleão 3º, é hoje um ícone do gosto duvidado (e caro). Nove fora o Vuitton, ele foi o Juscelino dessa Brasília. Conseguiu provar três coisas. Primeiro: a iniciativa privada pode ser a grande aliada de um salto cultural do país. Segundo: o Brasil tem uma geração de artistas, museólogos e antropólogos de primeira qualidade (quase todos sem emprego à altura de suas qualificações). Terceiro: o brasileiro ainda é capaz de fazer o impossível. Aquele espírito que JK encarnou está vivo. É só acordá-lo.

Aos 56 anos, o dono do Banco Santos é um conhecido e qualificado colecionador de arte brasileira. Já organizou duas Bienais e conseguiu o prodígio do Ibirapuera arrecadando R\$ 40 milhões, dos quais só R\$ 1,6 milhão saíram da bolsa da Viúva (contra R\$ 13,7 milhões que se-

rão torrados na Feira de Hannover, na Alemanha). Os outros R\$ 38,4 milhões ele pegou na iniciativa privada. Quem deu mais foi o Bradesco. Quem deu mais rápido foi o empresário José Ermírio de Moraes (mais de R\$ 1,5 milhão, numa conversa que durou menos de 10 minutos).

Para conseguir isso não bastou o seu poder de persuasão. Ele abriu o jogo botando o próprio dinheiro no fogo. Emprestou R\$ 10 milhões ao empreendimento (a um custo de 12% ao ano, a tarifa subsidiada do BNDES).

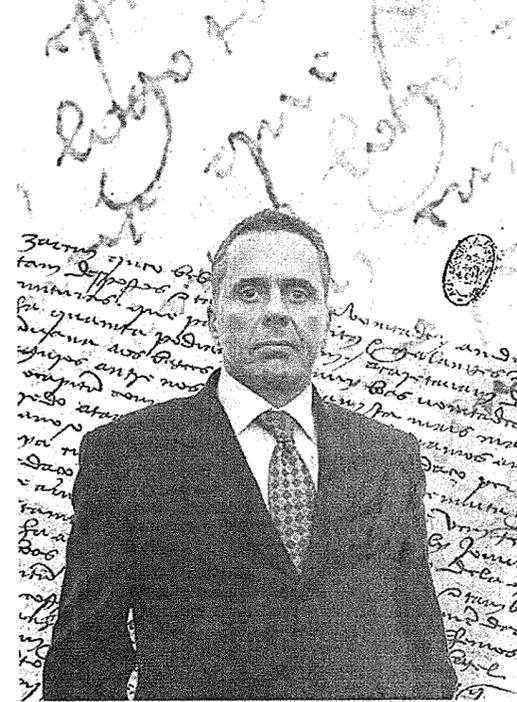
Consumiram-se R\$ 10 milhões na reforma dos prédios que abrigam a exposição. Transformou-se a ruína onde funcionaram o Museu da Aeronáutica e o do Folclore no melhor espaço museológico do Brasil. Criou-se uma área de exposições que tem poucas similares no mundo.

O banqueiro manipulou ao mesmo tempo grandes quantias de milionários com muitos fundos e poucas audácias, e os imensos egos de artistas com muitas audácias, mas sem fundos. Começou seu projeto pen-

sando numa exposição menor que a metade da que inaugurou. Em 1997, quando o governo pretendia organizar as comemorações dos 500 anos, chegou-se a pensar numa exposição itinerante que percorreria o circuito Elisabeth Arden (Nova York, Paris, Roma e outras aprazíveis cidades). Tradução: iam gastar o dinheiro dos brasileiros para agradar americanos, franceses e italianos. Enquanto as maluquices mixavam, o Redescobrimento cresceu, tomando proporções assustadoras. Acabou empregando mais de 2.000 pessoas (quase todos os marceneiros disponíveis em São Paulo). Deverá receber 2 milhões de pessoas.

Edemar ensina: "Dinheiro é fácil. Difícil é o resto".

Engano. Cobrar mais caro (R\$ 15) no final de semana, quando o trabalhador tem tempo disponível, é injusto. O ingresso sai por 10% do salário mínimo. O que é o Brasil? Ninguém sabe ao certo, mas nele é mais fácil arumar R\$ 40 milhões para organizar uma maravilhosa exposição do que permitir o acesso da escumalha a um momento de maravilha.



Edemar Cid Ferreira e a carta de Caminha

Erro

Na semana passada cometeram-se aqui dois erros. Um, de fato. O nome da revista que publicou a pesquisa das origens genéticas do brasileiro não é "Ciência". É "Ciência Hoje", uma publicação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

O segundo foi de conteúdo. A afirmação de que há brasileiros "com um pé na cozinha" soou derogatória a dois leitores. Têm razão. Foi uma impropriedade. Houve uma intenção irônica, mas quando uma ironia não é percebida por quem a lê, a culpa não é de quem a recebe, mas de quem a faz. Diante disso, só resta ao signatário pedir desculpas às pessoas que não gostaram do que escreveu.